

## O CIRCUITO NA ETNOMUSICOLOGIA URBANA

### *EL CIRCUITO EN ETNOMUSICOLOGIA URBANA*

### *THE CIRCUIT IN URBAN ETNOMUSICOLOGY*

Nelson Souza SOARES<sup>1</sup>

**RESUMO:** O estudo antropológico na cena urbana possui peculiaridades em relação aos estudos realizados em comunidades tradicionais. Na paisagem urbana os grupos se inserem em contextos mais amplos dentro de redes complexas com inúmeras interações e significados. José Guilherme C. Magnani (2005) buscou uma forma de análise em que considera os atores sociais com suas especificidades e o espaço no qual atuam, sendo este último produto e fator determinante da prática social, e não simples cenário. Magnani formulou categorias de análise a partir dessa ideia de se considerar o espaço como elemento passível de estudo. Neste trabalho buscamos uma análise das contribuições metodológicas que a utilização do conceito de circuito pode trazer à pesquisa etnomusicológica urbana, especificamente no estudo de contextos juvenis que envolvam a música popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnomusicologia. Antropologia urbana. Circuito como categoria analítica.

**RESUMEN:** *El estudio antropológico en el escenario urbano tiene peculiaridades en relación a los estudios realizados en comunidades tradicionales. En el paisaje urbano, los grupos se insertan en contextos más amplios dentro de redes complejas con numerosas interacciones y significados. José Guilherme C. Magnani (2005) buscó una forma de análisis en la que considere a los actores sociales con sus especificidades y el espacio en el que operan, siendo este último un producto y factor determinante en la práctica social, y no un simple escenario. Magnani formuló categorías de análisis a partir de esta idea de considerar el espacio como un elemento que se puede estudiar. En este artículo buscamos un análisis de los aportes metodológicos que el uso del concepto de circuito puede conducir a la investigación etnomusicológica urbana, específicamente en el estudio de contextos juveniles que involucran música popular.*

**PALABRAS CLAVE:** *Etnomusicologia. Antropologia urbana. Circuito como categoría analítica.*

**ABSTRACT:** *The anthropological study in the urban scene has peculiarities in relation to studies carried out in traditional communities. In the urban landscape, groups are inserted in large contexts within complex networks with restrictions and meanings. José Guilherme C. Magnani (2005) intend a form of analysis in which he considers the social actors with their specificities and the space that they operate, the latter being a determining product and factor*

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Belo Horizonte– MG – Brasil. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Música. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9084-5653>. E-mail: [nelsonss13@hotmail.com](mailto:nelsonss13@hotmail.com)

*of social practice, and not a simple scenario. Magnani formulates categories of analysis based on this idea of considering space as an element that can be studied. In this paper we seek an analysis of the methodological contributions that the use of the concept of circuit can bring to urban ethnomusicological research, specifically on study of youth contexts involving popular music.*

**KEYWORDS:** *Etnomusicology. Urban anthropology. Circuit as an analytical category.*

## **Introdução**

Na década de 1960 ocorreram profundas transformações sociais em um mundo polarizado, entre o capitalismo e o socialismo, e preso culturalmente a tradições antigas que não conseguiam acompanhar a velocidade das mudanças. Nesse contexto há uma explosão de movimentos sociais que impactam principalmente as camadas jovens da população, gerando mudanças significativas não apenas para aquela geração, mas também para as gerações que se seguiram. Os avanços proporcionados pelos meios de comunicação como a televisão, o cinema americano, discos, fitas e rádio, propiciaram o surgimento de uma cultura juvenil internacional, simbolizada, segundo Hobsbawm (1995), pelo *jeans* e o *rock 'n' roll*. A prosperidade econômica estadunidense no pós-guerra levou a um aumento do poder aquisitivo dos jovens trabalhadores, ocasionando uma ampliação do mercado voltado para juventude, especialmente na indústria fonográfica.

A categoria juventude ganha importância na sociedade na segunda metade do século XX, a pesquisa científica acompanha esse crescimento, especialmente nas áreas da sociologia e antropologia. Conceitos como subculturas, tribos urbanas e culturas juvenis ganharam relevância nessa conjuntura e serviram de base para diversos estudos que abordaram os jovens e suas sociabilidades.

O conceito de juventude vem sendo discutido academicamente desde o início do século XX a partir de Stanley Hall, contudo essa tarefa enfrenta dificuldades pelo seu próprio caráter de construção histórica, que guarda variabilidades consideráveis entre diferentes períodos, além de ser abordado a partir de diversos termos, como adolescência, adolescentes, juventude e jovens (ARROYO, 2013, p. 17). Não pretendemos, contudo, nos alongar nessa discussão haja vista que essa tarefa seria demasiado extensa e não é o foco principal de nosso trabalho, nos deteremos a uma definição simples, entendendo juventude como “uma classe de idade entre a infância e a adultez com lugar social e cultural próprio” (ARROYO, 2013, p. 23).

Nesse texto discutiremos o conceito de *circuito* conforme formulação de José Guilherme Cantor Magnani, professor da Universidade de São Paulo e coordenador do Laboratório do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU). Magnani integra os atores sociais com os espaços no qual interagem, esses espaços não são meros cenários, mas produtos da prática social e até fator determinante para essas práticas.

A música ocupa um lugar de destaque na sociabilidade juvenil, sendo elemento agregador dos grupos de jovens, seja através da prática musical em si, como base para estilos de dança ou como mero gosto musical em comum. Nas próximas páginas trataremos sobre a pesquisa em contextos urbanos sobre os jovens e sua música, com enfoque nas possibilidades proporcionadas pela ideia de *circuito* enquanto categoria analítica.

### **A pesquisa urbana sobre a juventude**

A antropologia se concentrou inicialmente no estudo das sociedades ditas “exóticas”, como pode ser visto em alguns trabalhos pioneiros realizados por Margaret Mead e Bronislaw Malinowski que abordaram povos insulares da Oceania, ou Franz Boas que estudou tribos inuítes na Ilha de Baffin. Estes trabalhos consideravam necessário o distanciamento do investigador do seu objeto de pesquisa.

A partir da década de 1920 a pesquisa etnológica ganha força em contexto urbano. A cidade de Chicago havia passado por um crescimento demográfico desordenado após a primeira guerra mundial, o mercado local e a própria aparelhagem urbana não foram suficientes para absorver completamente a essa nova demanda, levando parte de sua população a miséria e pobreza. Autores da chamada Escola de Chicago, como Fredric Trasher e Louis Wirth, se interessaram em investigar essa população marginalizada.

Na década de 1960, os Estudos Culturais no *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies* propuseram um novo modelo de análise urbana, dessa vez já com foco na juventude. Autores como Stuart Hall e Dick Hebdige consideraram os movimentos juvenis, chamados aqui de subculturas, como resistência e desvio em relação à cultura hegemônica. A partir da década de 1980 essa abordagem foi criticada por, supostamente, ser adequada apenas a condição dos jovens da classe trabalhadoras (CORTÉS, 2008).

Com foco sobre a questão da identidade, e não dos desvios como nas subculturas, Maffesoli (1987) utiliza o conceito de tribos urbanas, entendendo essas como agrupamentos de jovens, ainda que efêmeros e fragmentados, que guardam uma identificação comum, como os

*skinhead*<sup>2</sup> e *punks*<sup>3</sup>, esse neotribalismo é “caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão” (MAFFESOLI, 1987, p. 107). Magnani (2005) critica esse termo usado por Maffesoli entendendo que a palavra “tribo” possa levar interpretações equivocadas, devido ao sentido a ele atribuído em estudos tradicionais de etnologia, impróprio em boa parte das vezes a grupos juvenis atuais, todavia isso:

[...] não quer dizer que não se possa empregar esse termo com algum proveito, mas é necessário estar atento para as limitações e particularidades inerentes a essa forma de utilização (MAGNANI, 2007, p. 17).

Na Espanha e no México, pesquisas sobre a juventude realizadas a partir da década de 1990 dão origem a Escola Ibero-americana que substitui a ideia de tribos urbanas por culturas juvenis, que são uma:

maneira em que as experiências sociais dos jovens são expressas coletivamente mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados fundamentalmente no tempo livre e nos espaços intersticiais da vida institucional (FEIXA, 2004, p. 9, tradução nossa).<sup>4</sup>

As culturas juvenis buscam uma interpretação alternativa às tribos urbanas, que seriam baseadas no efêmero, provisório e instável, o foco se afasta da marginalidade e se aproxima mais da identidade, entendendo a juventude e suas manifestações como algo do cotidiano, onde os jovens criam a suas próprias práticas culturais, e não se constitui como uma anormalidade. Córtes entende as culturas juvenis como:

[...] um conceito que não pode ser englobado nem determinado por posturas biologicistas e funcionalistas da juventude, mas sim como um processo em contínuo movimento (CORTÉS, 2008, p. 265, tradução nossa).<sup>5</sup>

Magnani se dedicou a desenvolver ferramentas analíticas mais adequadas às dinâmicas culturais e à sociabilidade urbana através de uma olhar *de perto e dentro*, em contraste com a abordagem clássica do olhar *de fora e de longe*, sem, contudo, ignorar a necessidade de distanciamento como complemento que visa ampliar o horizonte de análise. Magnani ressalta

<sup>2</sup> Subcultura jovem surgida inicialmente na Grã-Bretanha no final dos anos de 1960. Foi uma reação da classe operária aos hippies e à sua própria marginalização social. Os skinheads transformaram em virtude as características da classe operária (SHUKER, 1999, p. 258).

<sup>3</sup> O Punk surgiu na Inglaterra por entre 1977 e 1980, trata-se de um estilo rápido e agressivo, sob o lema “do it yourself” incentiva os jovens a formarem suas próprias bandas mesmo sem dominarem a técnica de seus instrumentos musicais (SHUKER, 1999, p. 222).

<sup>4</sup> manera en que las experiencias sociales de los jóvenes son expresadas colectivamente mediante la construcción de estilos de vida distintivos, localizados fundamentalmente en el tiempo libre o en espacios intersticiales de la vida institucional (FEIXA, 2004, p. 9).

<sup>5</sup> [...] un concepto que no puede ser englobado ni determinado por las posturas biologicistas y funcionalistas de la juventud, sino más bien como un proceso en continuo movimiento (CORTÉS, 2008, p. 265).

o caráter de desenvolvimento constante das diretrizes metodológicas da antropologia buscando adequação aos temas estudados:

[...] desde as primeiras incursões a campo, a antropologia vem desenvolvendo e colocando em prática uma série de estratégias, conceitos e modelos que, não obstante as inúmeras revisões, críticas e releituras (quem sabe até mesmo graças a esse continuado acompanhamento exigido pela especificidade de cada pesquisa), constituem um repertório capaz de inspirar e fundamentar abordagens sobre novos objetos e questões atuais (MAGNANI, 2005, p. 11).

Para Magnani os debates sobre a questão urbana por vezes compreendem a cidade como uma entidade a parte dos seus habitantes, entendendo o ambiente urbano como “cenário desprovido de ações, atividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade” (MAGNANI, 2005, p. 14). Não chega a haver nesse caso, uma ausência de atores sociais, mas a prevalência de uns sobre os outros com predominância dos representantes do capital.

Consideramos que a contribuição fundamental de Magnani foi perceber a importância dos espaços, nas etnografias urbanas, como elementos fundamentais de sociabilidade e como local de trocas e interações. Magnani (2002) buscou identificar as particularidades desses espaços e criou uma família de categorias analíticas que dessem conta do complexo fenômeno social urbano e funcionassem como uma espécie de modelo aplicável em situações distintas. Essa categorização permite enfrentar o caos semiológico da pesquisa etnográfica urbana e delimitar de forma mais efetiva o vago campo da “Antropologia das sociedades complexas”. A ideia é ir além da fragmentação que parece caracterizar as cidades, buscando na realidade, identificar padrões e regularidades no comportamento dos atores sociais utilizando a família de categorias como recortes que visam delimitar espaços e permitam o exercício da descrição etnográfica. Essas categorias são: *pedaço*, *mancha*, *trajeto*, *pórtico* e *circuito*. Descreveremos essas categorias com base no artigo de Magnani intitulado *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*.

O *pedaço* é um espaço geográfico com a presença regular de membros que se comunicam entre si e possuem um código de reconhecimento. Essa noção de *pedaço* é formada basicamente por dois elementos: um de ordem espacial, com um território demarcado de forma clara; e outro de ordem social, constituído por uma rede de relações que se estendem pelo território. O *pedaço* (que pode ser um bar, lanchonete, salões de festa etc.) é “lugar de passagem e encontro” e para se fazer parte desse espaço de sociabilidade é necessário se situar numa determinada rede de relações, na qual os membros do *pedaço* se reconhecem como

portadores dos mesmos símbolos, gostos, valores, modos de vida e hábitos de consumo (MAGNANI, 2002, p. 21).

A *mancha* ocorre quando alguns lugares se tornam ponto de referência para um número diverso de frequentadores. Possui um espaço físico mais amplo que o *pedaço* e por ela circulam pessoas de procedência variada, sem a necessidade de laços estreitos entre elas. *Manchas* são áreas contíguas dotadas de certos equipamentos, por exemplo, uma mancha de lazer pode se localizar numa determinada região com concentração de bares, cinemas, teatros, cafés, restaurantes etc., constituindo pontos de referência para determinadas atividades.

Diferentemente do que ocorre no *pedaço*, para onde o indivíduo se dirige em busca dos iguais, que compartilham os mesmos códigos, a *mancha* cede lugar para cruzamentos não previstos, para encontros até certo ponto inesperados, para combinatórias mais variadas. Numa determinada *mancha* sabe-se que tipo de pessoas ou serviços se vai encontrar, mas não *quais*, e é esta a expectativa que funciona como motivação para seus frequentadores (MAGNANI, 2002, p. 23).

Os *trajetos* são caminhos entre os *pedaços* e as *manchas*, pois esses espaços não estão isolados na paisagem urbana, os atores sociais circulam entre eles de acordo com uma determinada lógica, seguindo rotas que não são aleatórias. O *trajeto* é uma forma de uso do espaço que se refere a fluxos em um território mais abrangente na cidade e nas *manchas*. “Assim, a ideia de *trajeto* permite pensar tanto uma possibilidade de escolhas no interior das *manchas* como a abertura dessas *manchas* e *pedaços* em direção a outros pontos no espaço urbano e, por consequência, a outras lógicas” (MAGNANI, 2002, p. 23).

Os *pórticos* são caracterizados por espaços vazios na paisagem urbana, são pontos de passagem, não pertencendo a nenhuma *mancha* especificamente, mas se localizando entre elas, para Magnani é uma:

Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados (MAGNANI, 2002, p. 23).

O *circuito* é “um ponto de partida para a abordagem do tema sobre o comportamento dos jovens nos grandes centros urbanos” (MAGNANI, 2007, p. 18), servindo como complementação ou contraposição em relação às *culturas juvenis* e *tribos urbanas*.

Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais: por exemplo, o circuito *gay*, o circuito dos cinemas de arte, o circuito neo-esotérico, dos

salões de dança e *shows black*, do povo-de-santo, dos antiquários, dos *clubbers* e tantos outros (MAGNANI, 2002, p. 23-24).

Magnani considera importante chamar a atenção para a sociabilidade e não para as expressões ligadas a questão geracional e para as pautas de consumo, como propõe as culturas juvenis que, para esse autor, ainda situam os grupos juvenis na categoria de subcultura. As permanências e regularidades são enfatizadas ao invés da fragmentação e nomadismo na perspectiva das *tribos urbanas*. Assim Magnani descreve as linhas gerais de sua proposta:

Em vez da ênfase na condição de “jovens” que supostamente remete à diversidade de manifestações a um denominador comum, a ideia é privilegiar a sua inserção na paisagem urbana por meio da etnografia dos espaços por onde circulam, onde estão seus pontos de encontro e ocasiões de conflitos, além dos parceiros com quem estabelecem relações de troca. Mais concretamente, o que se busca com tal opção é um ponto de vista que permita articular dois elementos presentes nessa dinâmica: os comportamentos (recuperando aspectos da mobilidade, dos modismos etc., enfatizados nos estudos sobre esse segmento) e os espaços, instituições e equipamentos urbanos que, ao contrário, apresentam um maior (e mais diferenciado) grau de permanência na paisagem (MAGNANI, 2007, p. 19).

Nos deteremos a seguir nas possibilidades aplicação do conceito de circuito no estudo etnomusicológico urbano.

## O circuito na música urbana

A pesquisa acadêmica desenvolvida na área da música por muito tempo se restringiu a música erudita ocidental, entendida como representante da alta cultura. Até os dias de hoje essa abordagem ainda é parte considerável da produção, provavelmente em função do predomínio da formação erudita nas graduações em música, inclusive no Brasil. Boa parte dos trabalhos que se relacionam a música popular, seja vinculada a indústria cultural ou a manifestações tradicionais, é proveniente de áreas como antropologia, sociologia e história.

Apesar disso desde o século XIX a musicologia alemã já continha uma subdivisão denominada *vergleichende Musikwissenschaft*,<sup>6</sup> aproximadamente equivalente ao que entendemos hoje como etnomusicologia. O termo passou por diversas denominações como pesquisa musical etnológica, folclore e etnologia musical, antropologia da música e até música dos povos estranhos, se firmando na década de 1950 como etnomusicologia (PINTO, 2001, p. 224).

<sup>6</sup> Podemos traduzir esse termo como musicologia comparada.

O antropólogo Alan P. Merriam, com sua obra *The anthropology of music* de 1964, traçou linhas gerais para uma base para a pesquisa antropológica da música, essa abordagem etnomusicológica previa a integração de métodos de estudo da antropologia e da música. Essa última é definida por Merriam como forma de integração social entre músicos e receptores, constituindo uma forma de comunicação e relação entre indivíduo e grupo.

Pinto descreve as diretrizes gerais que caracterizam uma abordagem musicológica e antropológica. Na musicológica o fenômeno musical se encontra em primeiro plano e na antropológica o pesquisador vê a música como elemento inserido no seu contexto cultural, o que Merriam propôs foi uma junção dessa abordagem no processo etnomusicológico. Para Pinto, por muito tempo, a etnomusicologia foi considerada uma ciência híbrida “pertencente à musicologia quanto a seus conteúdos e à antropologia quando se trata de seus métodos de pesquisa” (PINTO, 2001, p. 223). Sobre as possibilidades de interação da música com a antropologia Pinto nos diz:

O fato de permear tantos momentos nas vidas das pessoas, de organizar calendários festivos e religiosos, de inserir-se nas manifestações tradicionais, representando, simultaneamente, um produto de altíssimo valor comercial, quando veiculada pelas mídias e globalizando o mundo no nível sonoro, faz da música um assunto complexo e rico de possibilidades para a investigação e o saber antropológicos (PINTO, 2001, p. 223).

Apesar do já citado espaço ocupado pela música erudita na produção acadêmica das graduações e pós-graduações em música, nas últimas décadas os objetos de pesquisa passaram cada vez mais a incorporar formas populares e outras manifestações culturais e ritualísticas.

A música é um elemento quase indispensável na sociabilidade dos jovens na cidade, em seu artigo *O circuito dos jovens urbanos*, Magnani descreve pesquisas etnográficas conduzidas no Núcleo de Antropologia Urbana da USP, as pesquisas descritas se referem aos *straight edge*, uma espécie de variante vegana do movimento *punk*; as baladas Black e rodas de samba, os boys e streeteiros na estação Conceição do metrô, a mancha de lazer da Vila Olímpia, o ponto de encontro e saídas das *raves*<sup>7</sup> na Galeria Ouro Fino, forró universitário, pichadores e jovens instrumentistas. Os *straight edge* são apreciadores da música *punk*, as baladas *black* e as rodas de samba se constituem a partir do *circuito* de música negra do centro de São Paulo, os boys e streeteiros são ligados ao *hip-hop*,<sup>8</sup> base de sua dança; o ponto de

<sup>7</sup> Tipo de festa surgido nos EUA e Reino Unido na década de 1980, normalmente são realizadas em espaços amplos e possuem longa duração. A *dance music* serve de trilha sonora desses eventos (SHUKER, 1999, p. 234).

<sup>8</sup> Fenômeno cultural que engloba vestuário, linguagem, forma de andar entre outros elementos. Tem como núcleo musical o rap (SHUKER, 1999, p. 232).

encontro da Galeria Ouro Fino é frequentado pelos apreciadores de música eletrônica; o forró universitário é obviamente ligado ao gênero musical nordestino, e os jovens instrumentistas que se encontram semanalmente na rua Teodoro Sampaio são praticantes da música instrumental. Desses exemplos apresentados apenas os pichadores e os participantes da mancha de lazer da Vila Olímpia não são diretamente envolvidos com gêneros ou movimentos musicais.

A partir desses indícios, podemos constatar que a música é importante na sociabilidade dos jovens, sendo em alguns casos, o componente central que liga os membros de um determinado grupo juvenil, como ocorre no grupo dos jovens instrumentistas. Às vezes o elemento agregador é a dança, como ocorrido no *circuito* do forró universitário, nos boys e streeteiros, e provavelmente nas baladas *black* e rodas de samba, nesse caso os estilos de dança são associados a gêneros musicais, o que torna a música fundamental na constituição dos grupos.

Devido à frequência com que a música se apresenta como fundamento em torno do qual os grupos juvenis se unem, acreditamos que a linguagem musical forneça possibilidade de compreensão do funcionamento dos próprios grupos juvenis, seus símbolos, sua sociabilidade, seus códigos de comunicação e suas visões sobre política e sociedade. Em uma visão mais etnomusicológica, nos casos em que a prática musical ocorre entre membros do grupo, a análise pode ocorrer de forma inversa, buscando entender como a vida nesse circuito de jovens afeta sua produção musical ou ainda como esses aspectos se influenciam mutuamente.

O conceito de *circuito* é promissor em estudos que tenham como foco a música popular juvenil urbana, acreditamos que na maior parte das vezes existe um *circuito* que comporta a execução e a fruição das performances musicais.

a novidade que *circuito* introduziu nessa “família” de categorias, em virtude de sua capacidade de vincular domínios não necessariamente marcados pela contiguidade espacial, como ocorre nas demais, foi a de ligar pontos descontínuos e distantes no tecido urbano, sem perder, contudo, a perspectiva de totalidades dotadas de coerência – mesmo na vastidão da cidade de São Paulo – e desta forma construir unidades analíticas mais consistentes (MAGNANI, 2014, p. 3).

Em um estudo etnográfico clássico, a aldeia ou tribo circunscreve o universo de pesquisa, presume-se que as relações de sociabilidade e trocas dos atores sociais tem como palco aquele espaço territorial. Em uma cidade, principalmente em uma metrópole, existe uma dispersão acentuada que dificulta o exercício da etnografia, o *circuito* propicia o estudo de um

determinado grupo mesmo no caótico cenário urbano. Arroyo compreende que embora o conceito de *circuito*, conforme proposto por Magnani, se aplique originalmente aos grandes centros:

possibilita no estudo da interação de jovens com as músicas a abrangência de um universo mais amplo do que aquele estudado em grande parte da literatura centrada nos conceitos de subculturas juvenis, tribos urbanas e culturas juvenis (ARROYO, 2013, p. 37).

### Considerações finais

A concepção da música como área passível de conhecimento científico é relativamente recente se comparado a outros campos tradicionais de conhecimento, uma forma de buscar sua consolidação foi se apropriando de metodologias oriundas da antropologia, história, sociologia etc. No caso específico deste trabalho abordamos conceitos metodológicos derivados dos estudos etnográficos.

Devido a esses estudos no campo da etnologia possuírem um maior “tempo de maturação” e ao próprio fato de sua produção ser mais numerosa, é compreensível que seus avanços ocorram, em certa medida, mais rápido que no campo da pesquisa em música, inclusive no caso nosso caso específico, em que tratamos dos grupos juvenis no cenário urbano. Acreditamos, portanto, que a apropriação desses novos procedimentos pode contribuir para avanços nas pesquisas etnomusicológicas, que tem se ampliado na direção dos estudos da música popular, onde se inclui a música urbana.

Ressaltamos que essa perspectiva de interação interdisciplinar tem muito a contribuir para o avanço nas mais diversas áreas do conhecimento, as diferentes visões, derivadas de cada metodologia, nos auxiliam na tarefa de obter um entendimento mais completo dos nossos objetos de pesquisa, no caso da etnomusicologia, uma área híbrida entre a música e antropologia, essas contribuições mútuas são ainda mais relevantes. Acreditamos que o conceito de *circuito*, conforme formulado por Magnani, tenha muito a oferecer na pesquisa em música.

### REFERÊNCIAS

ARROYO, M. (Org.). **Jovens e música**: um guia bibliográfico. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

CORTÉS, T. A. Subcultura, contracultura, tribos urbanas y culturas juveniles: ¿homogenización o diferenciación? **Revista Argentina de Sociología**, Año 6, n. 11, 2008.

FEIXA, C. Los estudios sobre culturas juveniles en España – 1960-2004. **Revista de Estudios de Juventud**, Madrid, n. 64, mar. 2004.

HOBBSAWM, E. **A era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MAFFESOLI, M. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **RBCS**, v. 17, n. 49, 2002.

MAGNANI, J. G. C. Introdução- circuito de jovens. *In*: MAGNANI, J. G. C.; SOUZA, B. M. (Org.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007. p. 15-22.

MAGNANI, J. G. C. O circuito dos jovens urbanos. **Tempo social**, v. 17, n. 2, 2005.

MAGNANI, J. G. C. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe**, n. 15, 2014. Consultado em 28 de junho de 2018. DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.2041>

SHUKER, R. **Vocabulário de música pop**. Trad. Carlos Szlak. 1. ed. São Paulo: Hedra, 1999.

### Como referenciar este artigo

SOARES, N. S. O circuito na etnomusicologia urbana. **Rev. Sem Aspás**, Araraquara, v. 9, n. 2, p. 220-230, jul./dez. 2020. e-ISSN: 2358-4238. DOI: <https://doi.org/10.29373/sas.v9i2.14706>

**Submetido em:** 30/01/2021

**Revisões requeridas:** 10/02/2021

**Aceito em:** 27/02/2021

**Publicado em:** 01/03/2021